

**CEDI**

CEDI - P. I. B.  
DATA 16/03/93  
COD. 10000000

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: D.O.U. Class.: Seção I  
Data: 15/03/93 Pg.: 3021-23

PARECER Nº 019 /92

Em, 17 de junho de 1992

Proc.FUNAI/BSB/1119/83 - Denominação: Área Indígena UNEIUXI. Localiza-  
ção: Município de Santa Isabel do Rio Negro/AM. Grupo Indígena: Makú.  
Sub-Grupo: Nadëb-Makú. Família Linguística: Makú. Língua: Nadëb. Popula-  
ção: 350 pessoas/04 aldeias (1991). Situação Fundiária: Identificada/dê  
limitada pelo Grupo de Trabalho: Port. PP nº 1450/82. Antropólogo: Antô-  
nio Flávio Testa. Superfície: 405.000 ha. Perímetro: 500 km.

**I - HISTÓRICO**

O interior das florestas a noroeste da Amazônia é habitado por diversos pequenos grupos indígenas caçadores e coletores, conhecidos pelo nome "MAKÚ". Encontrando-se espalhados entre o rio Guaviare, tributário do Orinoco na Colômbia e o rio Japurá no Brasil, afirma Peter Silverwood-Cope (1975).

Segundo Márcio Meira (1990), os Makú vivem no centro das florestas, falando quatro línguas distintas: os Bara-Makú, os Húpda-Makú, os Yahúp-Makú e os Makú-Guariba. Habitam as regiões superiores dos rios Papuri, Tiquié, Uneiuxi, e entre os rios Negro e baixo Curicuriari. Entretanto, apesar de grande parte dessa população indígena ter contato

com as frentes expansionistas desde o séc. XVIII, sempre resistiram culturalmente enquanto povos indígenas, bastando para isso verificar os relatos dos viajantes que circularam pelo rio Negro e afluentes há quase três séculos.

Curt Nimuendajú (1959) afirma que a população do rio Negro apresentava nos primeiros anos do século XX, quatro conglomerados perfeitamente distinguíveis, tanto pela língua, como pela cultura, embora profundamente interpenetráveis. São eles: 1º) Constituído pelos mestiços resultantes do cruzamento de europeus com índias que se entende na língua geral ou Nheengatú; 2º) Os remanescentes dos grupos indígenas da família Aruak; 3º) Os grupos de língua Tukano vindos do oeste, e 4º) Os grupos constituídos dos povos de línguas alófilas, como por exemplo, os Makú, os Guariba, os Xiriana e os Waiká, todos de cultura rudimentar. Desconheciam a cerâmica, a tecelagem, a navegação e a lavoura. Esse último conglomerado ao contato com o segundo e terceiro grupo, adquiriu muitos elementos de suas culturas, acabando aruaquizando-se uns e tucanizando-se outros. Alojados no centro da mata, junto aos divisores d'água, fora dos caminhos percorridos pela civilização, somente indiretamente sofreram seu efeito. Portanto, foram menos afetados, conservando-se um número populacional considerável até começo deste século, quando tantos brancos quanto índios se lançaram contra eles.

Para Koch Grümberg o termo "Makú" era originalmente usado pelos Tariana e outros grupos Aruak, para "identificar os nômades aborígenes hostis que habitavam a área." Os Kubéwa se referem ao mesmo povo como Borawa e os Tukano os chamam de Poksea.

Métraux (1948) distribuiu os Makú em três grupos. São eles: 1º) Makú, subgrupo dos Piaroa, que vivem hoje na savana entre o rio Ventuari e o rio Orinoco; 2º) Makú do Médio Auari, tributário esquerdo do rio Uraricoera na Guiana brasileira, e 3º) Makú da região colombiana do Uaupés e uma área entre os rios Negro e Japurá, no Brasil.

Segundo Peter Silverwood-Cope, no rio Uaupés da Colômbia e na região entre os rios Japurá e Negro vivem milhares de Makú dispersos na floresta. Agrupam-se em pequenos núcleos regionais formando unidades separadas de dialeto, estilo cultural e casamento. Na parte superior do rio Uaupés, na Colômbia, vivem os "Bara Makú", falantes da língua "Bara". Ao sul do rio Papuri, um tributário ocidental do Uaupés e fronteira natural entre a Colômbia e o Brasil, vive um grande número de "Húpda Makú". No norte do rio Tiquié, enquanto nas cabeceiras dos tributários do sul, há mais de 200 Makú que falam um dialeto muito semelhante ao Húpda que é designado como "Yahúp". Existe mais um último grupo de Makú ao sul, na região dos tributários ocidentais do rio Negro, cuja língua parece semelhante, embora distinta dos Bara, Húpda e Yahúp. São conhecidos como Makú Guariba, Nadëb e Kabori.

Etnólogos e linguístas já constataram a existência de no mínimo, quatro línguas que são entre si bem diferentes, mutuamente distintas e não traduzíveis entre si. Embora exista tanta variação linguística entre eles, os Makú apresentam certas características comuns.

A nível da sua tecnologia destaca-se as zarabatanas, confeccionadas pelos homens e as cestas pelas mulheres. A moradia é uma simples casa de folhas sem paredes, as vezes muito temporária, e geralmente ao lado de um pequeno córrego no centro do mato, longe dos rios.

Os Makú costumam morar em pequenos grupos locais, normalmente 3 a 5 famílias ou 15 a 20 indivíduos. Também, existem grupos locais maiores, tanto como existem outros somente de uma família.

De acordo com Silverwood Cope, o grupo local está sempre em mudança, uma família de parentes vem visitar, enquanto outro grupo doméstico vai numa caçada por várias semanas. O grupo local muda de sítio em curto espaço de tempo. O motivo pode ser para explorar um novo pedaço da floresta como para fugir da feitiçaria dos índios próximos. Durante, um ano, a família Makú passa, ao todo, talvez, apenas a metade do ano no sítio do grupo local, o resto do tempo é dedicado em caçadas e coletas na floresta e a prestação de serviços aos "patrões" índios do rio.

A caça é a atividade predominante dos Makú, bem como a coleta de frutos comestíveis da floresta, enquanto o cultivo da mandioca é praticado em escala mínima.

A região do baixo Japurá constitui área de ocupação tradicional dos Makú, assim como a região entre os rios Japurá e Negro. A área escolhida para os Nadëb-Makú se inscreve em tal região constituindo dessa forma terra indígena imemorialmente habitada.

Dentre os autores antigos que atestam a presença Makú nessa área destacamos: Von Martius, 1867; C. Tastevin, 1920; Wilkens de Mattos, 1840; Alfredo Wallace, 1853 e Adolfo de Barros C. Albuquerque, 1864.

No Diário de Viagem a Capitania de São José do Rio Negro do Ouvidor e Intendente real da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano 1774 e 1775 diz que "O Uaupés habitado de muitas nações das quais as principais são Cocuana, Macu, Macucoena, Uananá, Tariana, Deçana, Urinaná, Timanará ..."

Também o sábio Alexandre Rodrigues Ferreira, que no séc. XVIII subiu todo o rio Negro fez menção aos Makú.

Em 1820, Von Martius identificou grupos Makú nos rios Japurá, Cauabori, Padauri, Urubaxi, Marié e Coriuriay; em 1831, Natterer localizou um grupo nos rios Têa e Ija - afluentes do Marié; em 1839, Baena mencionou que "na fronteira do Rio Negro todo o torrão jacente entre o rio Uaupés e o Japurá, habitam os gentios Tabocas, Curutus, Cumucumam, Macús, Queuanacans ..."

Em 1853, Spruce localizou grupos Makú em toda extensão do rio Negro e entre o rio Japurá, em 1887, Coudreau localizou os Makú na margem direita do rio Negro, no Uaupés, nos arredores de Manaus até os Andes.

Harald Schultz, 1959, cita em seu estudo que à margem esquerda do rio Japurá, existem vários agrupamentos Makú em diversos graus de contato. Os que mais conservaram a cultura original são provavelmente, os localizados nas matas do Paranã-Boá-Boá, a certa distância do seringaial de propriedade do Sr. Hildebrando Muniz, com quem mantêm relações amistosas há alguns anos, sendo, porém economicamente independentes.

Informou o Rev. Padre Roberto Van Megeren que os Makú do Paranã Boá-Boá se comunicam constantemente com seus parentes residentes nas

margens do rio Uneixi alcançando em dois a três dias de caminhada na selva. Davam a entender que lá possuíam extensos roçados, deles e de seus parentes.

Entre os neo-brasileiros esses índios são geralmente conhecidos como Kabori, o que em seu idioma significa: "Homem, menino", mas, também a denominação Makú é usada.

Com a exploração do rio Japurá no século passado chegaram os primeiros invasores nessa região.

Em 1910 diante da expansão do ciclo da borracha, intensificou a corrida pelos seringais, ocasionando conflitos entre invasores e os Makú.

Como consequência do contato, os Makú passaram a fixar-se às margens dos lagos, facilitando o comércio de seus produtos, além de ter promovido a redução dessa população vítimas de conflitos com não-índios e epidemias de sarampo, gripe, pneumonia e malária.

II - SITUAÇÃO ATUAL

Este parecer trata da Área Indígena Uneixi, habitada pelos Nadëb-Makú, localizada no Município de Santa Isabel do Rio Negro/AM, entre o rio Negro e rio Japurá, fazendo limite ao sul com a margem esquerda do rio Uneixi, ao norte com a margem direita do Igarapé Natal, a oeste com as cabeceiras formadoras do rio Uneixi e Igarapé Natal e a leste com os Igarapés que desaguam em ambas as margens do médio Uneixi na altura da aldeia Roçado. A população atual é de aproximadamente 350 pessoas distribuídas em 04 (quatro) aldeias e alguns não-aldeados espalhados pela área indígena. São conhecidas pelo nome de Terra Comprida, Jutai, Bom Jardim e Roçado. Essa última aldeia está fixada à margem direita do rio Uneixi e a Terra Comprida um pouco abaixo do Roçado.

A aldeia Roçado em 1982 recebeu pela primeira vez a visita da FUNAI, ocasião em que foi elaborado a proposta de Identificação e Delimitação da referida área, conforme Portaria nº 1450/82. Tal proposta definiu aproximadamente 405.000 ha como superfície e 500 km como perímetro. Esse limite abrange as terras tradicionalmente habitadas pelos Nadëb-Makú, sendo imprescindíveis para sua sobrevivência física, cultural, econômica e social.

Consta no Processo nº 1119/83, fls. 30 e 40, segundo informações do ITERAM, que a Área Uneixi está inserida na gleba de mesmo nome, tendo sido arrecadada em nome do estado do Amazonas, sendo posteriormente excluída a referida área indígena dessa gleba.

Quanto a presença de não-índios nessa área, foi notificado à FUNAI (Proc. 1119/83, fls. 20) conforme carta da Pesquisadora do Summer Institute of Linguistics Evelyn Mary Helen Weir que em maio de 1983 existia uma família agregada a comunidade Makú da aldeia Roçado, e que a mulher estava ministrando aulas em português. Relata também que naqueles últimos dois anos tinham chegado "um número considerável de indivíduos e famílias querendo trabalhar na coleta da sorva e outros produtos no rio acima daquela aldeia".

Em fevereiro de 1989 o sargento Ednaldo, Delegado do Município de Santa Isabel do Rio Negro esteve na aldeia Roçado a fim de averiguar a presença de garimpeiros a procura de minério.

Em junho do mesmo ano uma equipe da Polícia Federal visitou pela segunda vez a Aldeia Roçado, nessa viagem eles acabaram por maltratar dois Makú, o que deixou toda a população bastante apreensiva. (Proc. 3411/88, fl. 52).

Posteriormente, em agosto e setembro dois aviões sobrevoaram a referida aldeia, tendo o segundo pousado. Entretanto, a tripulação não se identificou, muito menos disseram o motivo da ação.

No mês de outubro a Polícia Federal retornou à aldeia, desta vez em número maior de pessoas e armada com metralhadoras. Eles arrancaram e queimaram os poucos pés de ipadu que encontraram nas roças. Planta esta que é tradicionalmente utilizada pelos velhos nos rituais.

Em 1990 a família de não-Índios que estava agregada aos Makú da aldeia Roçado deixou aquela área.

Em março desse mesmo ano uma empresa de garimpo, o qual não se sabe o nome, administrada pelo Sr. Louro, invadiu a Área Uneiuxi, carregando equipamento sofisticado. Em maio desse mesmo ano uma aeronave a serviço do referido senhor pousou na pista da aldeia Roçado, gerando estado de insatisfação entre os Índios pois eles não aceitam a presença de garimpeiros naquela área.

### III - CONCLUSÃO

Portanto, considerando a ocupação imemorial dos 405.000 ha equivalentes a Área Uneiuxi, a inexistência de títulos de domínio, o abandono durante anos por parte do órgão tutor e a constante ameaça de invasão de garimpeiros nestes últimos anos é que esta relatora é favorável à emissão da declaração de posse dessas terras aos Nadéb-Makú, conforme determina o Decreto 22, de 04.02.91.

LUCIENE MORAES DE OLIVEIRA

## FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 3, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1993

Assunto: Processo FUNAI/BSB/2810/92. Referência: Área Indígena UNEIUXI. Interessado: Grupo Indígena Makú. EMENTA: Aprova o relatório de delimitação da Área Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 22, de 04 de fevereiro de 1991.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/2810/92 e considerando o Parecer nº 019/CEA/92, de autoria da Socióloga Luciene Moraes de Oliveira, aprovado pela Resolução nº 079/CEA/92, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, DECIDE:

1. Aprovar as conclusões objeto da citada Resolução para a final, reconhecer os estudos e adequações à delimitação da Área Indígena UNEIUXI, de ocupação do respectivo grupo tribal Makú com a superfície e perímetro aproximados de 405.000 ha e 500 km respectivamente, localizada no Município de Santa Isabel do Rio Negro, Estado do Amazonas.

2. Determinar a publicação no DOU do Parecer, Memorial Descritivo e Despacho, na conformidade do Art. 2º, § 7º do Decreto Nº 22/91.

3. Encaminhar o respectivo processo de demarcação ao Ministério da Justiça, acompanhado da Minuta de Portaria Declaratória, para a aprovação.

SYDNEY FERREIRA POSSUELO

P. 3019

S. I

**MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO**

**DENOMINAÇÃO**  
ÁREA INDÍGENA UNEIUXI

**ALDEIAS INTEGRANTES**  
ROÇADO

**GRUPOS INDÍGENAS**  
MAKU-NADEB

**LOCALIZAÇÃO**

MUNICÍPIO : Stº Isabel do Rio Negro      ESTADO : Amazonas  
ADR :

**COORDENADAS DOS EXTREMOS**

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE :	01° 01' 20" S	66° 24' 40" Wgr.
LESTE :	01° 11' 20" S	66° 04' 00" Wgr.
SUL :	01° 29' 50" S	66° 52' 20" Wgr.
OESTE :	01° 36' 10" S	67° 28' 20" Wgr.

**BASE CARTOGRÁFICA**

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
SA - 19 - X - D	1:250.000	DNPM	1.977

**ÁREA** : 405.000 ha (Quatrocentos e cinco mil hectares aproximadamente).  
**PERÍMETRO** : 500 Km aproximadamente.

**Descrição do Perímetro**

**NORTE** : Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 01° 25'20"S e 67°26'20"Wgr., situado na confluência de dois igarapés sem denominação; daí, segue por uma linha de azimute e distância aproximados 57°18' - 37.488,00 metros até o Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 01°14'20"S e 67°09'20"Wgr., situado na confluência de um igarapé sem denominação com o Igarapé Natal; daí, segue no sentido jusante pelo citado igarapé até a confluência de um igarapé sem denominação, no Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 01°11'30"S e 66°29'40"Wgr; daí, segue no sentido montante pelo citado igarapé até sua cabeceira, no Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 01°01'20"S e 66°24'40"Wgr; daí, segue por uma linha de azimute e distância aproximados 116°41' - 31.533,00 metros até o Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 01°09'00"S e 66°09'29"Wgr., situado na cabeceira de um igarapé sem denominação.

**LESTE** : Do ponto antes descrito, segue no sentido jusante pelo citado igarapé até sua confluência no Rio Uneiuxi, no Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas 01°11'00"S e 66°07'20"Wgr; daí, segue no sentido jusante pelo citado rio até a confluência do igarapé sem denominação, no Ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas 01°11'20"S e 66°04'00"Wgr; daí, segue no sentido montante pelo citado igarapé até sua cabeceira, no Ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas 01°19'40"S e 66°08'00"Wgr; daí, segue por uma linha de azimute e distância aproximados 228°45' - 10.709,00 metros até o Ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas 01°23'30"S e 66°12'20"Wgr., situado na confluência de dois igarapés sem denominação.

**SUL** : Do ponto antes descrito, segue no sentido jusante pelo citado igarapé até sua confluência com o igarapé sem denominação, no Ponto 10 de coordenadas geográficas aproximadas 01°23'30"S e 66°17'40"Wgr; daí, segue no sentido jusante pelo citado igarapé até a confluência com o Rio Uneiuxi, no Ponto 11 de coordenadas geográficas aproximadas 01°10'50"S e 66°18'50"Wgr; daí, segue no sentido montante pelo citado rio até a confluência do igarapé sem denominação, no Ponto 12 de coordenadas geográficas aproximadas 01°36'10"S e 67°28'20"Wgr.

**OESTE** : Do ponto antes descrito, segue por uma linha de azimute e distância aproximados 10°33' - 20.035,00 metros até o Ponto 01, inicial da descrição.

RT.: JOSÉ JAIME MANCINI - Engenheiro CREA nº 57.806/D-SP

(Of. nº 47/93)